

FRAU IM MOND / 1929

(A Mulher na Lua)

Um filme de Fritz Lang

Realização: Fritz Lang / **Argumento:** Thea von Harbou, com base no seu romance homónimo / **Direcção de Fotografia:** Curt Courant, Oskar Fischinger, Otto Kanturek, Konstantin Tschetwerikoff / **Cenários:** Emil Hasler, Otto Hunte, Karl Vollbrecht / **Conselheiros Artísticos:** Prof. Dr. Gustav Wolff, Joseph Danilowats, Prof. Hermann Oberth, Willy Ley / **Música:** Willy Schmidt-Gentner / **Interpretação:** Gerda Maurus (Frieda Velten), Willy Fritsch (Wolf Helius), Gustav von Wangenheim (Hans Windegger), Klaus Pohl (Prof. Georg Mansfeldt), Fritz Rasp (o homem que se diz chamar Will Turner), Gustl Stark-Gstettenbauer (Gustav), Tilla Durieux, Hermann Valentin, Max Zilzer, Mahmud Terja Bey e Borwin Walth (cinco cérebros e cadernetas de cheques), Margarete Kupfer (Mme Hipolt), Max Maximilian (Grotjan, o motorista), Alexa von Porembsky (vendedora de violetas), Karl Platen (homem do microfone), Gerhard Damman (contramestre), Heinrich Gotho (inquilino do 2º andar), Alfred Loretto, Edgar Pauly (dois espectadores), Josephine (a rata).

Produção: Film der UFA / **Produtor:** Fritz Lang / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, preto e branco, mudo com intertítulos em português, 190 minutos (a 20 ips) / **Estreia Mundial:** 25 de Setembro de 1929 / **Estreia em Portugal:** Central, a 8 de Dezembro de 1930 / Versão restaurada pela Cinemateca Portuguesa em 2001.

Devido a um impedimento de saúde do pianista Daniel Schvetz, não vamos poder ter acompanhamento musical, como estava anunciado.

Frau im Mond veio a ser a última obra de Fritz Lang no mudo, a que de imediato antecedeu o tão famoso **M** de 1931.

Na carreira do autor, o filme vem reunir quase todos os géneros antes experimentados. Embora se centre na ficção científica (que vem de **Metropolis**), engloba em si próprio o policial, com as suas teias do crime e do poder (**Mabuse, Spione**), e liga tudo isso aos filmes de viagens e aventuras (**Die Spinnen**). Até certo ponto, é quase uma soma de dois filmes distintos. A parte inicial, passada na terra, tem a sua intriga própria, onde o importante é a vertente policial, com o roubo dos documentos, a teia que se estende e a chantagem que se exerce. Nela, pouco espaço ocupa ainda o lado da ficção científica. E, se é verdade que as motivações e as relações posteriores entre as personagens são aí definidas, também é certo que a ligação entre as duas partes se limita a essa "definição": a partir do momento em que se deixa a terra, apenas se leva dela o que vai *dentro* de cada um dos elementos do grupo humano; nenhum outro contacto volta a haver, nenhuma notícia, nenhuma influência.

É importante notar que pode haver hoje alguma dúvida quanto ao peso relativo e ao próprio acabamento que esse prólogo terrestre originalmente teria: uma vez que a historiadora Lotte Eisner referiu a existência de cortes que vieram a eliminar muitos planos sobretudo nessa zona do filme, cortes que, segundo ela, teriam quebrado o seu ritmo e a sua intensidade, é-

nos difícil saber até que ponto terão eles vitimado esta versão (que, porém, corresponde à duplicação de uma cópia de nitrato de celulose há muito conservada pela Cinemateca, e que tinha sido importada dois anos depois da produção - o que pode apontar para uma grande proximidade em relação ao original).

De qualquer modo, num ponto não haverá dúvida: a preocupação central de Fritz Lang neste projecto residia essencialmente na viagem e nas reacções que ela exercia sobre os vários participantes. Por isso, na sua lendária exigência de precisão, começou por cuidar exaustivamente do lado técnico e científico, chamando à equipa dois especialistas de nomeada, Oberth e Ley, que lhe deram um extremo rigor de informação. E isto a tal ponto que, mais tarde, durante a guerra, esse mesmo rigor haveria de ser a causa da retirada do filme de circulação por parte dos nazis, que recearam que se tornasse demasiado sugestivo das experiências com as novas armas V1 e V2, em que Von Braun trabalhava desde 1937. Mas a relação entre esta obra e a história real dos foguetões teve ainda uma outra e significativa curiosidade. Pois, tendo em conta os testemunhos do próprio Lang e de Willy Ley num livro deste último sobre o assunto, somos levados a acreditar que nasceu aqui a ideia da contagem decrescente antes da partida das naves... O realizador, que tinha feito a guerra no exército austríaco, negou qualquer antecedente militar para a ideia, e disse que a criou ele próprio por razões dramáticas (!), pensando que o decréscimo dos números criaria muito mais tensão do que se se aumentassem os algarismos até um certo valor. No écran apareciam assim os algarismos correspondentes aos últimos segundos antes do lançamento, realçando visualmente a ansiedade da partida. Ou seja, os cientistas viriam a aproveitar-se do *suspense*, a ciência viria a incorporar o espectáculo... O detalhe releva da pequena história, mas substituirá muita prosa sobre a reflexão levada a cabo por Lang em torno dos problemas do tempo no cinema, do seu controlo e da sua exactidão - como o lembra a obsessão dos relógios ao longo dos seus filmes, e como muitas vezes se esquece face à vigorosa construção espacial.

No que respeita a esta composição espacial, **Frau im Mond** é um ponto alto na depuração das linhas arquitectónicas tão caras ao realizador. O que aqui se filma são as grandes estruturas metálicas, a superfície lisa da nave, os círculos dos perímetros terrestre ou lunar, ou o espaço vazio do solo deste último astro. Tudo isto iluminado por uma luz em si mesma estilizada, uma luz nova, *do princípio dos tempos*, ou da abstracção total. Uma luz que banha e define essas grandes linhas, dando-lhes, mais do que a própria poesia, uma beleza cósmica rara, quase estonteante.

E assim, um grupo humano que é, ainda ele, uma estilização - uma criança, um velho, uma mulher e dois homens que com ela formarão um triângulo - são lançados a este cosmos desconhecido, animados por motivos diferentes, carregados da sua história individual, das suas paixões, da sua inteligência e da sua irracionalidade. O objectivo comum, que, de um modo ou de outro, os encerra no interior da nave, transforma-se no medo comum. A Lua é o ouro, o desconhecido e... a solidão. A solidão total, crua e abstracta como a luz que a banha, também ela a lembrar o princípio dos tempos, onde se visitam grutas ancestrais de riquezas fabulosas e inúteis. E a solidão que os belos planos da chegada e da partida da Lua, com os seus tempos de silêncio e espera, tanto realçam.

Mas, aquele que mais sofre essa solidão, aquele que vai certamente morrer dela, esse terá também o amor. Que importam então todas as realidades concretas até aí tão palpáveis? Que importa a credibilidade, a possibilidade física dessa vida? Dentre todos, aquele era o único que agia por um verdadeiro ideal - e, como Lang disse uma vez numa entrevista, "é o homem que tem um ideal que vence todos os outros".